



– Filho de Mariana Amália de Azevedo Neto Esteves (nascida a 12Jul1893), e de Hélio José Felgas de Sousa Leonardo (nascido a 11Jul1895), **Hélio Augusto Esteves Felgas** nasceu na 4ªfeira 25Ago1920, na freguesia de São Cristovão, da cidade do Rio de Janeiro.

Em 1937, residindo na sua Pátria, ingressou na Escola do Exército.

Em 1941 concluiu o Curso de Infantaria e entrou para o QP daquela Arma, cumprindo seguidamente a sua primeira comissão de serviço no Ultramar Português, como alferes e tenente, em Moçambique.

Em 16Dez1947 fez-se sócio da Revista Militar, (na qual até 1989 publicou cerca de 85 artigos e comentários).

Na EPI-Mafra fez o Curso de Promoção a Capitão. E na Escola Superior Colonial de Lisboa, concluiu com distinção o Curso de Altos Estudos Coloniais.

Prestou serviço em diversas Unidades de Infantaria e na Guarda Fiscal.

Em Timor e em Angola, com o posto de capitão cumpriu as suas 2ª e 3ª comissões de serviço ultramarino.

Em 15Dez53 agraciado com o Oficialato da Ordem Militar de Aviz; e em 1954 com a Medalha de Mérito Militar.

Entre 1956 e Abril de 1960, com o posto de major, desempenhou no noroeste de Angola as funções de governador distrital do Congo Português (Uíge).

Seu irmão José Augusto Esteves Felgas, capitão de infantaria, em 02Maió1-20Abró3 desempenhou no noroeste de Angola, o cargo de Oficial de Informações e Operações do BCac88.

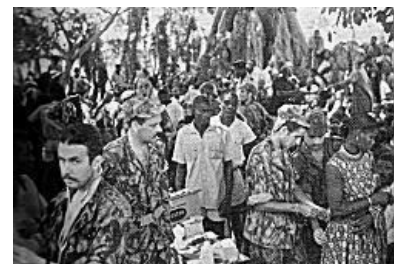
No IAEM-Pedrouços, o major Hélio Felgas concluiu o Curso de Oficial Superior e de Altos Comandos.

Em 29Maró3, agraciado com o Oficialato da Ordem Militar de Santiago da Espada, pela sua actividade literária como escritor, jornalista, conferencista e colaborador em numerosos jornais e revistas, bem como os seus onze livros publicados, de entre os quais se destacam “Timor Português” e “Guerra em Angola”.

Em fins de Abró3, com o posto de tenente-coronel foi nomeado para servir na Província da Guiné, onde passou a comandar em Bula o BCac239 e a partir de 20Jul63 o BCac507, cujo sector operacional abrangia cerca de 10 mil km<sup>2</sup> no norte daquela província ultramarina, sendo em toda aquela vasta área responsável pela actividade operacional de 12 unidades de Infantaria, de Artilharia e de Cavalaria.



1964 - norte da Guiné

1964 - noroeste da Guiné  
apoio médico-sanitário à população

Em 15Maió4 recebeu, do comandante cessante do CTIG brigadeiro Louro de Sousa, um louvor, porque...  
– «... tem conseguido obter das forças sob seu comando uma actuação eficiente, como atestam os resultados obtidos, não só em intervenção directa, nomeadamente no Óio, de Maio a Setembro de 1963, a N do R. Cacheu e ultimamente na região de Bula-Binar-Umpatá, como também pelo contacto estreito com as populações, num sector onde se verifica a maior variedade de raças, controlando-as e armando-as criteriosamente em autodefesa, de tal forma que têm sabido reagir prontamente à acção dos terroristas.»

Em 23Mai64, agraciado com a Comenda da Ordem do Infante Dom Henrique.

Em 05Jun64 agraciado com a Cruz de Guerra de 3ª Classe, deslocou-se a Lisboa onde, cinco dias depois no Terreiro do Paço, recebeu a condecoração.



Regressado à sua comissão na Guiné, tomou «parte pessoalmente em numerosas operações, nas quais patenteou a sua valentia e coragem, e informando-se de forma activa e constante sobre a situação e actividades do inimigo, conduziu as suas tropas de forma invulgarmente eficiente, fazendo-as intervir com brilho excepcional e conseguindo resultados muito valiosos e prestigiantes para todas as subunidades que actuaram sob o seu comando»; (cf extracto do louvor exarado pelo comandante do CTIG brigadeiro Arnaldo Schulz).

– «Por vezes tínhamos baixas que era necessário transportar em macas, durante quilómetros: só quem passou por isso tem ideia do sofrimento e do cansaço, que atingiam tanto as vítimas como os seus transportadores; e quando havia mortos, carregá-los às costas durante horas era um factor desmoralizante, que só acabou quando a FAP passou a dispôr de meios para os ir buscar; os helicópteros salvaram muitas vidas, devido à oportunidade da sua presença.»

Em 28Abr65, tendo sido rendido pelo BCav790 em Bula, concluiu a sua primeira comissão na Guiné e regressou à Metrópole, agraciado com a Medalha Comemorativa das Campanhas das Forças Armadas, legenda “Guiné 63-65”.

Em 05Abr66 foi agraciado com a Cruz de Guerra de 1ª Classe, que recebeu em 10Jun66 no Terreiro do Paço.

Na Academia Militar, desempenhou funções de Professor Catedrático da 25ª Cadeira (Estudos Ultramarinos).

Em 15Jan68 regressou à Guiné, exercendo a chefia do estado-maior do CmdAgr2952 sediado em Mansôa, acumulando por breve período o comando-adjunto do CmdAgr1980 sediado em Bafatá.

– «Antes da guerra, a Guiné só dispunha de uma pequena unidade militar em Bissau. Adaptaram-se construções administrativas e comerciais, construíram-se pavilhões pré-fabricados com telhados de zinco e capim, rodeados por bidões cheios de terra; existiam também simples abrigos cavados no chão e cobertos por camadas de troncos cruzados, como em Bissássema, Nova Sintra e Madina do Boé; ou ainda modestos ‘bunkers’ com paredes cimentadas, onde eram rasgadas seteiras, como em Braia.»



Em Jun68, na sequência da reestruturação de forças determinada pelo novo CCFAG brigadeiro Spínola, o tenente-coronel Hélio Felgas passou a comandar o BArt1914, sediado em Tite.

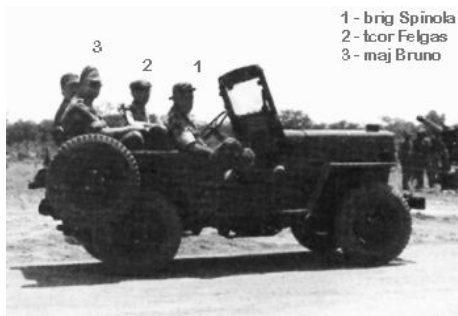


– «Conheci praticamente toda [a Guiné] e da forma que menos se esquece: a pé e de jipe. Nas oitenta e quatro operações que comandeie, percorri mais de sete mil quilómetros de más estradas, piores picadas e pantanosas bolanhas. Nelas sofri vinte seis emboscadas, além de meia dúzia de flagelações aos quartelamentos e tabancas onde pernoitava. Dos aspectos que melhor recorde há quatro que, mais vezes, interrompem o agora sossegado sono do combatente reformado: os improvisados quartelamentos, as emboscadas sofridas, os ataques aos visados quartelamentos, os ataques aos acampamentos adversários e as longas e penosas nomadizações.»

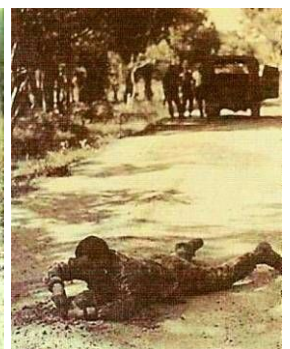
– «Quando tínhamos notícia da existência de um acampamento inimigo, imediatamente se faziam planos de assalto: chegar às proximidades do local antes do amanhecer, um pelotão a cercar pela direita, outro pela esquerda e o resto dos efectivos lançados em corrida pela picada da entrada. Se ficava longe usávamos primeiro as viaturas dando uma volta enorme, para não alertarmos possíveis vigias; depois iniciava-se a marcha nocturna através de pântanos e bolanhas onde, invariavelmente, um ou outro mergulhava; a fila indiana prosseguia entre gritos estranhos de aves invisíveis e o colossal concerto de rãs subitamente interrompido pela nossa passagem. A proximidade



era anunciada em surdina pelo guia, apesar de todos o sentirmos: o mato tornava-se mais denso, fazendo desaparecer a picada e obrigando-nos por vezes a rastejar; de repente a corrida e o assalto, com as granadas a rebentar, todos a disparar e a procurar entrar mais fundo naquele labirinto, que chegava a atingir centenas de metros; logo apareciam as primeiras barracas bem escondidas, as primeiras armas abandonadas; todos tinham conseguido fugir, o que apesar de normal sempre causava alguma desilusão entre os soldados.»



– «O lugar do condutor da primeira viatura de uma coluna motorizada era especialmente perigoso. Por isso, além dos sacos de terra que se amontoavam ao lado dos pedais e por baixo do assento, havia a chamada “escala dos condenados”: não raro vi o condutor de serviço a rezar, antes de a sua viatura começar a rodar à frente da coluna. As emboscadas começavam sempre por uma rajada repentina de metralhadora, seguida do característico rasgar das pistolas-metralhadoras, escondidas sabe-se lá onde; os tiros isolados das armas de repetição, as explosões das bazookas, morteiros e granadas-de-mão; um inferno que poucas vezes durava mais que uns minutos mas parecia sempre durar horas. Quando tudo se calava e a contagem terminava sem novidades, nada se comparava ao optimismo dos nossos soldados, já então lançados na perseguição de fantasmas, porque só raramente se via quem causara toda aquela barulhenta confusão. Mas se alguém tivera azar, que raiva e que dor se podiam ler nos semblantes carregados dos companheiros: não mais poderei esquecer a palidez mortal do portador do meu posto-rádio, no dia da sua estreia.»



– «As emboscadas inimigas eram feitas sobre tropas apeadas ou motorizadas, sendo que sobre estas começava com a explosão de uma mina anticarro. Tenho uma fotografia, que mostra o que se passou logo após ter rebentado uma mina sob a roda de um Unimog dos grandes: a viatura ficou destruída e sofremos dois mortos e dezasseis feridos; tirei a fotografia, porque o meu jipe também passou por cima de mina, sem a fazer rebentar.»

Em 18Nov68, tendo sido entretanto promovido a coronel, cessou em Tite o comando do BArt1914 e passou a comandar em Bafatá o CmdAgr2957, cuja área de responsabilidade operacional era todo «o Sector Leste, que abrangia cerca de metade do território e incluía batalhões das três armas combatentes, os quais, naquele tipo de guerra, actuavam concertadamente»:

– «Em Madina, a “festa” – como os soldados lhe chamavam –, era quase diária. Fiquei admirado, na primeira vez que lá pernoitei, ao ouvir antes de anoitecer diversos gritos de “Está na hora! Está na hora!”. Logo a seguir começou mais um bombardeamento que, dessa vez, felizmente não causou vítimas. O único canhão sem recuo de que dispúnhamos era insuficiente para calar o fogo do adversário, que só findava quando as munições acabavam ou quando resolviam regressar à Guiné-Conackry.»

Madina do Boé - acantonamento da CCac1790



– «Não se podia deixar uma zona abandonada por muito tempo, porque o inimigo considerava-a logo como “zona libertada” do nosso domínio. Por isso realizávamos operações de longa duração, as temidas nomadizações. Lembro-me de uma que comandi no Fiofioli, região onde o rio Corubal desenha aquela enorme curva antes de se juntar ao Geba: durante onze dias, sempre com temperaturas de 44-45° à sombra, palmilhámos dezenas de quilómetros sob densas manchas florestais ou através das descampadas bolanhas, umas vezes secas e duras, outras inundadas e lamacentas; a marcha prosseguia sempre em fila indiana, já com água a escassear nos cantis; era horrível a sede e por fim numa tabanca abandonada, lá se descobriu alguma água em condições duvidosas; na linha do horizonte avistavam-se vultos que pareciam seguir os nossos passos, e nas zonas arborizadas era evidente que alguém espreitava; era uma sensação desagradável, nem mesmo quando éramos emboscados víamos quem nos atacava.»

Regressou à Metrópole em Out69, agraciado com a Medalha Comemorativa das Campanhas das Forças Armadas, legenda “Guiné 68-69”.

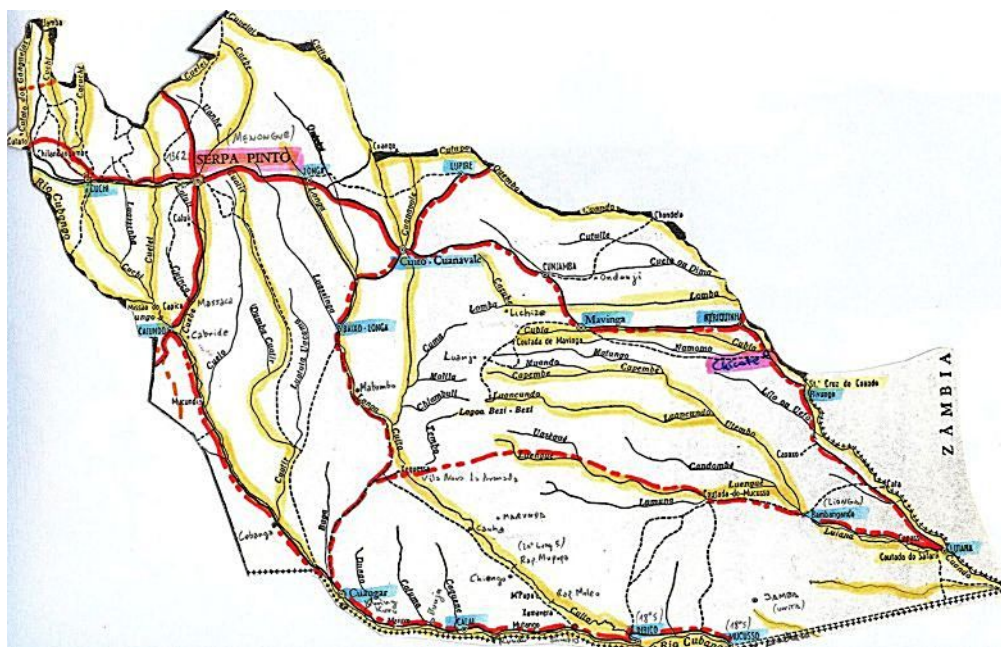
Em 14Jan70 foi agraciado com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos, com palma.

E em 03Jun70, agraciado com o oficialato da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, com palma, condecoração que sete dias depois lhe foi imposta no Terreiro do Paço, pelo PR almirante Américo Thomaz.

Passou a desempenhar funções de chefe-de-gabinete do ministro do Exército; e foi delegado do Governo na RTP, onde colaborou no programa "Presença do Ultramar".

Em 1971-72, integrou no IAEM o 1º Curso de Auditores de Defesa Nacional.

No início de 1973, com a patente de brigadeiro, foi designado para servir em Angola, assumindo em Serpa Pinto o comando do CmdAgr6002, cuja área de responsabilidade operacional abrangia todo o distrito do Cuando-Cubango, conhecido por “Terras do Fim do Mundo”.



- «*Serpa Pinto era um moderno e progressivo burgo, cortado quase a meio pelo estreito mas alegre e sinuoso rio Cuebe, parcialmente obstruído por rochosos rápidos que impediam qualquer hipótese de navegabilidade. Em Serpa Pinto terminava o caminho-de-ferro de Moçâmedes, percorrido por comboios diários; e terminava também a carreira aérea de ligação a Luanda, uma pista que era das maiores de Angola (mas cujo piso acimentado já começava a abrir frechas). Se considerarmos a ligação rodoviária com Luanda, via Chitembo, Silva Porto (actual Bié) e Calulo, poderemos dizer que Serpa Pinto não estava isolada. Estava distante. [...] Todo o distrito sulcado por centenas de rios – alguns cortados por espectaculares rápidos e cataratas, como os rápidos de Shimpuru a oeste do Dirico e os de Muculungungo próximo de Caiundo, ou as magníficas cataratas próximo de Mavinga –, quase todos correndo em floresta-galeria, que se destacavam da grande massa arborizada que sombreava as imensas savanas, onde pastavam ou viviam colossais manadas de elefantes e milhares de antílopes de todas as espécies, além de girafas, gnus, zebras, rinocerontes (entre estes, o rinoceronte branco), leões, leopardos e muitas outras variedades venatórias. Era até esta extrema abundância de caça, que levava turistas ao Cuando-Cubango durante os meses do cacimbo e que determinara a constituição de reservas e coutadas, entre as quais as mais importantes eram a do Mucusso, a de Mavinga (Kirongosi) e a do Safari, esta próximo do Luiana. A sua população nativa, pouco numerosa, distribuía-se por vários grupos étnicos, entre os quais se destacavam: os ganguelas, a oeste de Serpa Pinto; os quiocos, na região a sudeste e a norte de Serpa Pinto; os bosquímanos (vassequeles), junto ao rio Cubango desde o Caiundo ao Mucusso; os cussos, os ambuelas do Cuito Cuanavale; os camaxis entre Mavinga e N'Riquinha, etc. A guerra levava as autoridades administrativas a reagrupar os nativos, que anteriormente viviam isolados em pequenas povoações num regime de mera subsistência. Estes reagrupamentos, a cargo da OPVDCA, estavam inicialmente mal defendidos, sendo por isso o alvo preferencial dos grupos de guerrilheiros, fossem do MPLA ou da UNITA. Situado em zona planáltica, o Cuando-Cubango era um distrito [...] onde eram raros os aglomerados populacionais civilizados, além de Serpa Pinto. Um dos de maior importância era o Cuito Cuanavale onde, em tempos recentes, se travaram duros combates entre sul-africanos e forças da UNITA, de um lado, e tropas do MPLA apoiadas por cubanos, do outro. [...] Em todo o distrito só há duas estradas razoáveis, ambas com início em Serpa Pinto: a da Luiana, via Cuito Cuanavale, Mavinga e Rivungo; e a do Dirico, via Caiundo e Cuangar. Mas a primeira só era asfaltada até ao Cuito e a segunda até ao Caiundo; o resto dos percursos dependia das chuvas e eram centenas de quilómetros. O distrito do Cuando-Cubango fazia fronteira com a Zâmbia por intermédio do rio Cuando, desde o Rivungo até para além da Luiana. A Marinha de Guerra mantinha aí um pequeno navio patrulhando o rio. A sul, o Cubango servia de fronteira com o então Sudoeste Africano, desde o Cuangar até ao Mucusso; depois o rio lança-se nos pântanos do Okavango no Botswana, e a fronteira corre em linha recta até ao rio Cuando, havendo uma vedação de arame farpado que separa Angola da faixa de Caprivi. Em especial com a Zâmbia, os contactos humanos eram poucos. Com o Sudoeste Africano havia alguns, principalmente através do posto do Calai. [...] Luiana fica em pleno coração de África, a igual distância da Moçâmedes angolana e atlântica, e da Quelimane moçambicana e índica. [...] Serpa Pinto, hoje chamada Menongue, fica a mais de 800 quilómetros do Luiana (via Cuito Cuanavale) e a quase 1000 quilómetros do Luengue [posto fronteiriço do Luiana] (via Calai); e o avião dos Transportes Aéreos (TASA), com uma velocidade de cruzeiro de 300 km/hora, leva duas horas e meia a alcançar a Luiana e 105 minutos a chegar ao Dirico [fronteira sul do Cuito-Cubango]. A própria Serpa Pinto fica a 1500 quilómetros de Luanda, por estrada. [...] Havia um comando de sector [CmdAgr6002] com o seu reduzido estado-maior em Serpa Pinto, e comandos de batalhão [BCac3857>BCac5012] no Cuito Cuanavale, e [BCac4611>BArt6322] na M'Pupa, além de companhias em diversos locais como Serpa Pinto, Mavinga [CCac305], Rivungo, Luiana, Coutada do Mucusso [CCac108], Baixo-Longa, etc. Estas companhias incluíam sempre militares africanos que também serviam de guias e intérpretes. [...] A escassez dos efectivos militares europeus era porém compensada pela existência de numerosos grupos militarizados [Flechas], com cerca de trinta homens cada e inteiramente constituídos por nativos; globalmente, havia mesmo muito mais africanos combatentes do que europeus; até a única sentinela que, só durante a noite, guardava a residência do comandante do sector [uma minúscula moradia alugada], era quase sempre africana (e continuou sendo mesmo depois do 25 de Abril). Diversos destes grupos eram auxiliares da DGS e só dependiam do comando do sector para efeitos operacionais. Existiam [grupos de Flechas] no Rivungo, Mavinga, Cuito Cuanavale, Cuchi, Caiundo, Mucundi, Cuangar, Calai, Mucusso, etc. Grupos Especiais (GE) existiam no Lupire, Cuito Cuanavale, Mavinga, N'Riquinha, Longa, Vila Nova da Armada, Luengué e Coutada do Mucusso. Os Flechas do sector tinham sargentos e oficiais nativos e a sua actuação foi classificada de excelente.»*
- «*As duas operações militares de certa importância, realizadas durante o meu comando, foram a Rubi-Z/H e a Castor. A primeira em [08-11 de Janeiro de] 1973 decorreu na coutada de Mavinga contra o aguerrido Esquadrão Cuenhe do MPLA, cujo chefe encontrou a morte em combate, o que originou a desarticulação de todo o esquadrão, contribuindo para a retirada das forças de guerrilha do MPLA de todo o distrito.»*

Em 15Nov73, foi agraciado com uma Medalha de Ouro de Serviços Distintos.

- «*A importante e demorada Operação Castor desencadeada no começo de 1974, tinha como objectivo desalojar a UNITA da sua região tradicional do Alto Lungué-Bungo; a UNITA acabou por abandonar o distrito, seguindo para a Zâmbia. [...] Tirando estas bem sucedidas operações, uma boa parte da nossa actividade militar era constituída por nomadizações, pois as acções de iniciativa da guerrilha tinham praticamente sido suspensas. Anteriormente, eram os guerrilheiros que atacavam. Agora éramos nós que os íamos procurar nos seus locais de refúgio. Socorremo-nos dos Flechas [e de 12 grupos de GE's] do sector, com sargentos e oficiais nativos. Compostas essencialmente por vassequeles, essas tropas eram largadas por helicópteros em regiões onde se previa a existência de acampamentos de guerrilha, por vezes a mais de cem quilómetros da sua sede. Pisteiros inigualáveis, os vassequeles viviam quase só do que colhiam nas florestas, regressando ao quartel após muitos dias de nomadização. [...] Anteriormente eram os guerrilheiros que atacavam; agora éramos nós que íamos procurar os guerrilheiros nos seus refúgios e, para isso, num território tão vasto, só as nomadizações iniciadas após lançamento de helicóptero podiam dar algum resultado. Mesmo assim, ao entrar o mês de Abril de 1974, em todo o sector sudeste não houve qualquer contacto entre as nossas forças e os grupos de guerrilheiros, quer da UNITA quer do MPLA, isto apesar da manutenção do nosso esforço operacional em elevado nível. A situação era muito diferente da que ocorrera apenas um ano antes.»*

No final de Mai74, interrompeu o comando do 6002 e regressou à Metrópole, por lhe ter chegado conhecimento – através da "comunicação social" –, que em 14Mai74 fôra "saneado" por um comité do MFA, o qual havia determinado a sua compulsiva passagem à situação de reserva:

- «Veio depois o 25 de Abril. Eu comandava então o sector angolano do Cuando-Cubango e imediatamente tomei o partido do general [Spínola] que fôra o meu comandante na Guiné, onde me cumulava de gentilezas e me dera o mais belo louvor dos muitos que recebi durante a minha carreira militar, em especial durante as duas comissões que cumpri nos matos da Guiné. Mandeilhe logo várias cartas e telegramas, perguntando-lhe quando me chamava para o seu lado. Não obtive qualquer resposta. E, no final de Maio, pela comunicação social, tive conhecimento de que fôra passado compulsivamente à reserva, isto é, "saneado" [num "rol" de outros 40 oficiais-generais]. O choque que sofri foi tremendo, dada a forma abrupta e injusta como fôra "saneado" quando, em face da minha folha de serviços, eu devia estar prestes a ser promovido a general – posto que é o termo da carreira que eu abraçara com tanto entusiasmo: a de Oficial do Exército. Julgo que mais nenhum brigadeiro "saneado" tinha a Torre e Espada e não sei se algum teria as duas Cruzes de Guerra e as Medalhas de Ouro de Serviços Distintos que eu então possuía, todas ganhas em campanha na Guiné, com excepção de uma das Medalhas de Serviços Distintos.
- «Regressei a Lisboa e comecei a procurar saber a razão e a autoria deste "saneamento". Fui a Belém e pedi para falar com o general Spínola, então presidente da República e da Junta de Salvação Nacional. Foi o seu ajudante-de-campo – que eu tão bem conhecia e até estimava da Guiné [tenente-coronel Almeida Bruno] –, que me veio dizer que o sr. presidente me mandava informar que em nada influíra para a minha passagem à reserva. Eu ignorava que cada elemento da JSN ficara com um "pelouro" mais ou menos autónomo e secreto, e que o dos "saneamentos" pertencia ao [CEMGFA] general Costa Gomes. Mas como este oficial era o nº2 da JSN, fui falar com ele a seguir. Declarou-me que eu constava da lista de oficiais-generais a "sanear", lista essa enviada pelo então comandante-chefe de Angola, general Joaquim Franco Pinheiro. Fiquei muito admirado pois este oficial assumira aquele cargo [em 04Mai74] já depois do 25 de Abril e portanto nem tempo tivera de me conhecer. Fui no entanto falar-lhe e ele disse-me com clareza (e mais tarde deixou escrito em documento do meu arquivo pessoal), que nunca sugerira nem pedira a minha passagem à reserva. A resposta obtive-a do então general Otelo Saraiva de Carvalho, governador militar de Lisboa, e que ainda estivera comigo na Guiné. Em carta que também consta do meu arquivo, este oficial escreveu: "Não tenho a mínima hesitação em reconhecer o mérito do meu brigadeiro e, para poder dar-lhe o ânimo que merece, devo afirmar-lhe que assisti às condições em que foi feito o seu expurgo e que não foi nenhum dos 'Capitães de Abril' que o eliminou do rol dos homens válidos de que necessitávamos". Durante cerca de 12 anos continuei as averiguações. Fiz uns 14 requerimentos, em todos pedindo para ser esclarecido acerca do motivo da minha passagem à reserva, sem ter sequer sido ouvido nem acusado fosse do que fosse.»

Além das condecorações acima referidas, foi agraciado com a Medalha de Prata de Bons Serviços no Ultramar, a Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar, e a Cruz da Ordem de Mérito Militar (Espanha).

Foi também proposto para a Medalha de Ouro de Valor Militar, pelo CCFAG general Spínola; mas a Repartição de Justiça do Ministério do Exército não deu seguimento, alegando «deficiências burocráticas na elaboração do respectivo processo».

- «Nem mesmo hoje em dia a Torre e Espada (atribuída "com palma", isto é, com fundamento em feitos heróicos em campanha militar), merece a consideração que seria de esperar. Lembro em especial o caso da pensão a que tem direito o condecorado com esta distinção, depois de ter passado à reserva. Durante anos ela foi de 809\$00 por mês, tendo passado depois para o quantitativo do salário mínimo nacional. Mas até 1994 nunca sofreu qualquer desconto para o IRS. Pois em 1994 passou a descontar mais de 22%. [...] Quem é que quer saber dos sacrifícios e perigos em que grande parte dos condecorados com a Torre e Espada andaram metidos? E porque é que, 20 anos passados sobre o 25 de Abril, nenhum chefe militar, nenhum político, nenhum governo, nenhum presidente, teve neste País a coragem suficiente para esclarecer em que condições, mais de uma centena de oficiais-generais foram passados arbitrariamente à reserva, alguns deles condecorados com a Torre e Espada? A nenhum foi feita qualquer acusação pessoal nem levantado qualquer processo. Isto será democrático? O exemplo dos "saneamentos selvagens" após o 25 de Abril em Portugal, foi e continua a ser vergonhoso. E só contribuiu para um certo desprestígio da Torre e Espada, pois houve oficiais-generais que a tinham e mesmo assim foram saneados sem qualquer acusação nem processo individual!!»

Faleceu em 23Jun2008, major-general na situação de reforma, ficando no dia seguinte sepultado no talhão da Liga dos Combatentes, no cemitério do Alto de São João, em Lisboa.

## **Oficial do Exército Português Militar, Conferencista, Professor e Escritor Combatente de eleição**